

A POLÊMICA POPPER — KUHN: ASPECTOS

Constança Marcondes Cesar *

No Colóquio Internacional de Filosofia da Ciência, em Londres, 1965, o livro de Kuhn — **A Estrutura das Revoluções Científicas** — foi objeto de discussão por vários pensadores, entre os quais se encontrava Popper.

Confrontando suas teses com as popperianas, na comunicação “Lógica da descoberta ou psicologia da investigação ? ” Kuhn estabeleceu alguns pontos de aproximação entre a sua teoria e a do filósofo:

- a) preocupação com a dinâmica do conhecimento científico;
- b) estudo da história da ciência;
- c) recusa da concepção de progresso acumulativo, em ciência;
- d) ênfase no caráter de processo revolucionário, quando ocorre a substituição de uma teoria;
- e) ceticismo perante a tentativa positivista de construção de uma linguagem observacional neutra.

Entretanto, apesar destas convergências, Kuhn se afasta de Popper quando afirma que:

a) a tese popperiana de que o cientista é aquele que propõe enunciados e os refuta, ou seja, de que a atividade por excelência do cientista é a refutação de teorias, é ambígua, porque não especifica se o que se refuta são **enunciados** ou **teorias**. Ora, na ciência normal, os enunciados refutados são aqueles, que expressam conjecturas individuais, não a teoria estabelecida. Desta forma, Popper, ao caracterizar a atividade da ciência normal como atividade de refutações, abordou toda a ciência normal e a ciência em geral com categorias que só seriam aplicáveis às revoluções científicas;

* Doutora em Filosofia; Professora de Filosofia — graduação e pós-graduação — da PUC de Campinas

b) a pura crítica, a mera refutação não representa papel decisivo em nenhuma escolha entre teorias científicas. Ademais, com ou sem refutação uma teoria científica, uma tradição, pode ser eliminada. Kuhn exemplifica esta possibilidade, referindo-se às teorias de Ptolomeu, que teriam sido substituídas antes de ocorrer a sua plena refutação;

c) a tese de Popper, segundo a qual podemos aprender com nossos erros, é problemática. Um erro é, na definição de Kuhn, algo cometido por um indivíduo, num tempo e lugar determinados. Pode constituir, por exemplo, uma ruptura ou desvio em relação às regras vigentes da linguagem, da lógica, ou da compreensão de experiência. Ora, os erros a que Popper se refere, são as **teorias científicas do passado** e a aprendizagem consiste na recusa e substituição de uma teoria, por uma comunidade científica. A noção de **erro** em questão foi extraída por Popper das categorias da ciência normal e aplicada às revoluções científicas. Noutros termos: Popper teria cometido um erro de perspectiva, combinando os elementos da ciência normal e os da ciência revolucionária. Por isso, supôs que as refutações — característica da ciência revolucionária — fossem um traço fundamental da ciência em geral;

d) a noção de lógica do conhecimento, entendida como investigação que possibilita refutações sistemáticas, não responde em que condições um cientista deve abandonar uma teoria ou considerá-la refutada. Por outro lado, os critérios de validação ou refutação de teorias não são exclusivamente lógicos. A mudança de paradigmas tem explicações psicológicas ou sociológicas: é um sistema de valores ou uma ideologia que, em última análise, fazem o cientista decidir entre teorias antagônicas.

A estas críticas de Kuhn, Popper respondeu com a comunicação "**A Ciência Normal e seus Perigos**". Popper, habilmente, reconhece o valor da obra de Kuhn e de duas de suas críticas: a primeira, refere-se à distinção entre **ciência normal** e **ciência revolucionária**; a segunda, ao próprio conceito de **ciência normal**.

Entretanto, o reconhecimento das contribuições de Kuhn, não impediu Popper de criticá-las. No que diz respeito à primeira contribuição, considera a distinção **ciência normal/ciência extraordinária** uma petição de princípio, uma abordagem ideológica da ciência. No que se refere ao **conceito de ciência normal**, Popper reconhece a sua validade, entendendo-o não como um paradigma, mas como um fracasso pedagógico, um sintoma de ausência de consciência crítica, de obstáculo à verdadeira atividade científica causado pelo

ensino da ciência. Ou seja, a **ciência normal** não é, como afirma Kuhn, o paradigma da ciência num momento dado, mas o dogma científico não criticado. A história da ciência não recorda os cientistas normais; ao contrário, aponta a existência de paradigmas em competição, discussão entre diferentes teorias dominantes. Não existe, em ciência, um **paradigma** seguido de **uma revolução**; mas, na verdade, há uma **revolução permanente**, uma luta entre teorias competitivas.

No que diz respeito à oposição, proposta por Kuhn, entre lógica e psicologia da investigação científica, Popper afirma que Kuhn, na verdade, não opõe lógica e psicologia mas, ao contrário, emprega a **lógica do relativismo histórico** na sua abordagem da história de ciência, uma vez que considera a racionalidade **dependente** da linguagem comum e de um conjunto de pressupostos aceites pelos interlocutores. Por outro lado, a sociologia e a psicologia são, segundo Popper, ciências espúrias, pouco rigorosas e incapazes de permitir escolhas decisivas entre teorias opostas. Somente a **lógica** permite-nos compreender a investigação científica e refutar ou aceitar teorias.

Rebatendo as objeções de Popper, Kuhn escreveu em 1969 um apêndice à **Estrutura das Revoluções Científicas**. Neste, procura evidenciar: o caráter comunitário dos paradigmas científicos, as reorganizações e acordos de grupo provocadas pelas revoluções científicas, os valores partilhados pelos cientistas que apóiam um paradigma e a força exercida pela persuasão quando ocorre a aceitação de novas teorias. Tudo isto mostra, segundo Kuhn, a dimensão não apenas lógica, mas ideológica, de ciência.

Por outro lado, Kuhn recusa a acusação popperiana de relativismo lógico, afirmando aceitar a noção de progresso científico, bem como os critérios de simplicidade, alcance, coerência e compatibilidade com outras especialidades, como instrumentos válidos para medir-se a importância de uma teoria nova, em ciência. O que Kuhn não aceita é a noção, implícita em Popper, da **verdade** como adequação entre teoria e realidade, ou seja: o **realismo crítico** popperiano, substituindo-o por uma concepção de verdade que se aproxima daquela que caracteriza o **idealismo crítico**.

A teoria popperiana, retomada no livro **Conhecimento Objetivo**, aborda ingenuamente o idealismo — recusado em bloco pelo filósofo, sem a preocupação de distinguir entre o idealismo absoluto metafísico e o idealismo crítico epistemológico. Em virtude da **ingenuidade epistemológica de Popper**, podemos afirmar que, ao menos provisoriamente, a tese de Kuhn resiste às objeções e se mantém.

BIBLIOGRAFIA

Lakatos, Musgrave (eds.) — **La Critica y el Desarrollo del Conocimiento**, Grijalbo, Barcelona, 1 975.

Japiassu — **Para ler Bachelard**, pp. 128 — 135, RJ, Francisco Alves, 1 976.

Kuhn, **La Estructura de las Revoluciones Cientificas**, México, Fondo de Cultura.

Popper, **Conhecimento Objetivo**, Belo Horizonte, Itatiaia.